

## LINGUAGENS, FRONTEIRAS E INTERCULTURALIDADES

Maria de Jesus Morais<sup>1</sup>  
Elder Andrade de Paula<sup>2</sup>

Os artigos publicados deste Dossiê, em sua maioria, resultaram de um profícuo debate realizado no decorrer da disciplina Linguagem, Fronteira e Interculturalidade, ministrada por nós no primeiro semestre de 2019 no âmbito do PPGLI-UFAC. Após a leitura e avaliação dos trabalhos apresentados pelos discentes ao final do curso, consideramos a pertinência de socializá-los através desta publicação. Selecionamos àqueles que refletiram com maior densidade os debates e objetivos propostos na disciplina.

Na problematização das relações entre linguagens, fronteiras e interculturalidade privilegiamos os estudos realizados na região fronteiriça formada por Brasil, Peru e Bolívia. Fronteiras estas marcadas, por um lado, por inúmeros conflitos sociais, territoriais e também de emergência de movimentos sociais diversos (indígenas, camponeses, quilombolas entre outros) cujas lutas de resistência se projetaram para além do continente americano. Por outro lado, pela atuação nas três **últimas décadas de uma complexa rede de organizações da “sociedade civil”, instituições governamentais e agências internacionais** de apoio aos movimentos sociais em defesa de seu modo de vida.

As reflexões teóricas sobre a assimilação da interculturalidade na agenda política, suas diferentes interpretações, formas de apropriação, tensões e conflitos pautaram-se nos aportes do debate latino-americano. Como mostra Javier Protzel (2015), muito antes da elaboração do conceito nos Estados Unidos da América na década de 1950, na América Latina a questão intercultural já ocupava um lugar destacado nas preocupações de antropólogos e historiadores, especialmente nos países com maiorias de origem indígena e ou afrodescendentes.

Essa marcação das singularidades do debate latino-americano foi imprescindível para situar as interpretações da dinâmica intercultural nas fronteiras amazônicas e as formas de institucionalização em termos de políticas educacionais. A partir dela, tornou-se mais inteligível as diferenças no posicionamento dos movimentos sociais, notadamente os indígenas, em relação a interculturalidade enquanto fundamento filosófico. Enquanto na Bolívia e Peru emerge como aspiração e compromisso com um projeto político de descolonização do mundo e reorganização da vida a partir da pluralidade cultural, sem hierarquias, no Brasil aparece

1 Instituição: Universidade Federal do Acre, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8053-3549>, E-mail: [mjmorais@hotmail.com](mailto:mjmorais@hotmail.com)

2 Instituição: Universidade Federal do Acre, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2881-3033>, E-mail: [elderpaula@uol.com.br](mailto:elderpaula@uol.com.br)

subordinada a uma forma de institucionalização que reitera as assimetrias socioculturais e por conseguinte a continuidade da colonização do mundo.

A institucionalização do debate da interculturalidade na América Latina, como aponta Chirif (2012), se deu a partir da elaboração de programas de educação bilingue e intercultural. Esta, surge como uma proposta política do movimento indígena frente a implantação do modelo de Estado-nação que desde sempre inviabilizou e, em várias situações exterminou línguas e culturas dos povos originários. Neste contexto, a história da educação, nos revela que a escola oficial, tem empreendido a negação dos discursos das sociedades indígenas e, os considera pré-científicos e sem valor para o processo de modernização e construção dos ditos estados nacionais (RAMÍREZ, 2012). Mas a educação intercultural e bilingue tem tido êxitos em países como o Peru, Equador, Guatemala e, algumas poucas experiências no Brasil.

O dossiê Linguagens, Fronteiras e Interculturalidade, contém textos que abordam a construção de currículos interculturais, experiências de atividades em escola indígena, reflexões sobre discursos identitários e luta pela terra e pela vida, além de um artigo que trata da discussão sobre ‘instrumentos musicais tradicionais africanos’ e nos brinda com a discussão de outras epistemologias de culturas africanas.

Expressando os trânsitos acadêmicos e a ampla circulação do periódico Muiraquitã – Revista de Letras e Humanidades, este volume traz ainda uma dezena e meia de outras contribuições na forma de resenhas e artigos livres, com resultados de pesquisas, experiências profissionais e acadêmicas procedentes de diversas localidades e instituições brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- CHIRIF, Alberto. Identidad, interculturalidad e inclusión en la Amazonía peruana hoy. En E. Toche (Comp.) **Perú Hoy: La gran continuidad**. Lima: Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, 2012.
- PROTZEL, Javier. Comunicación intercultural: confrontando concepciones y problemas. **Venezuela, Correspondencias & Análisis**, N° 5, año 2015.
- RAMÍREZ, Fernando Prada. Sistemas civilizatorios, bio-territoriais y epistemologías concéntricas. In. LLORENTE, Juan Carlos; SACONA, Unai. **Investigación aplicada a la educación intercultural bilingue**. Helsinki, Instituto de Ciencias del Comportamiento, 2012.